

# LIÇÃO 2 - Existem Substâncias e Princípios Não Sensíveis?

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1060a 3-1060b 3

“ 912. Além disso, há a questão de se devemos ou não postular a existência de algo além das coisas singulares; e, se não, então a ciência que agora buscamos deve lidar com essas coisas. Mas elas são infinitas em número. E o que existe além das coisas singulares são os gêneros e as espécies; mas a ciência que agora buscamos não lida com nenhum deles. A razão pela qual isso é impossível já foi apresentada (909-911).

913. E, em geral, o problema é se devemos supor que existe alguma substância que seja separável das substâncias sensíveis (isto é, as coisas que existem aqui e agora), ou se estas últimas são os seres e as coisas com as quais a sabedoria lida. Pois parecemos estar procurando um outro tipo de substância, e isso constitui o objeto do nosso estudo: quero dizer, saber se existe algo que é separável em si mesmo e não pertence a nenhuma coisa sensível.

914. Além disso, se existe um outro tipo de substância além das substâncias sensíveis, de que tipo de substâncias sensíveis deve-se supor que ela seja separada? Pois por que deveríamos supor que ela existe à parte de homens e de cavalos, e não de outros animais ou de coisas não vivas em geral? No entanto, conceber várias substâncias eternas iguais em número às sensíveis e corruptíveis pareceria irrazoável.

915. Mas se o princípio que agora procuramos não é separável dos corpos, o que poderia ser mais um princípio das coisas do que a matéria? No entanto, a matéria não existe atualmente, mas apenas potencialmente; e assim pareceria antes que o princípio especificador ou forma é um princípio mais importante do que a matéria. Mas a forma é corruptível [segundo alguns]; e assim, em geral, não há substância eterna que seja separada e exista por si mesma. Mas isso é absurdo; pois tal princípio e substância parece existir e é procurado por quase todos os pensadores consumados como algo que existe. Pois como haverá

*ordem no mundo se não há um princípio que seja eterno, separável e permanente (235-246)?*

*916. Novamente, se existe alguma substância e princípio de tal natureza como aquele que agora se busca, e este princípio único pertence a tudo e é um e o mesmo tanto para as coisas corruptíveis quanto para as eternas, surge a questão de por que, se este princípio é o mesmo para todas, algumas das coisas que estão sob ele deveriam ser eternas e outras não; pois isso é absurdo. Mas se todas as coisas corruptíveis têm um princípio, e as coisas eternas outro, enfrentaremos o mesmo problema se o princípio das coisas corruptíveis for eterno; pois, se é eterno, por que as coisas que estão sob este princípio também não são eternas? Mas se é corruptível, por sua vez deve ter algum outro princípio, e este, por sua vez, deve ter outro, e assim ao infinito (250-265).*

*917. Mas, por outro lado, se alguém postulasse aqueles princípios que se pensa serem os mais imutáveis, a saber, o ser e a unidade, então, primeiro, se cada um deles não significa uma coisa particular ou uma substância, como poderão ser separáveis e existir por si mesmos? No entanto, os princípios eternos e primários que procuramos devem ser tais. Mas se cada um deles significa uma coisa particular ou uma substância, todos os seres serão substâncias; pois o ser é predicado de todas as coisas, e a unidade é predicada de algumas. Mas é falso que todos os seres sejam substâncias.*

*918. Novamente, como pode ser verdadeira a afirmação daqueles que dizem que a unidade é o primeiro princípio e uma substância, e que geram o número como a primeira coisa produzida a partir da unidade e da matéria, e dizem que ele é substância? Pois como devemos entender que o número dois e cada um dos outros números compostos de unidades são um? Pois eles nada dizem sobre isso, nem é fácil fazê-lo.*

*919. Mas se alguém sustenta que as linhas e o que deriva delas (refiro-me às superfícies) são os primeiros princípios das coisas, estas não são substâncias separáveis, mas seções e divisões: as primeiras, das superfícies, e as últimas, dos corpos (e os pontos são as seções e divisões das linhas); e, além disso, são os limites dessas mesmas coisas. E todas estas existem em outras coisas, e nenhuma é separável.*

*920. Novamente, como devemos entender que a unidade e o ponto têm substância? Pois toda substância é gerada, mas não o ponto; pois o ponto equivale a uma divisão (266-283).*

*921. Há também o problema de que, embora toda ciência deva ser sobre universais e sobre tal e tal universal, uma substância não é um universal, mas é antes uma coisa particular e separável. Portanto, se há uma ciência dos princípios, como devemos entender a substância como um princípio (288-293)?*

922. Novamente, surge a questão se existe ou não algum princípio além do todo concreto? E por isso quero dizer a matéria e o que está unido a ela. Pois se não, então tudo o que está na matéria é corruptível. Mas se existe algum princípio, ele deve ser o princípio especificador ou a forma. Portanto, é difícil determinar em que casos esta existe separada e em que não; pois em alguns casos é evidente que a forma não é separável, por exemplo, no caso de uma casa (235-247).

923. Novamente, há a questão se os princípios são os mesmos especificamente ou numericamente? Pois se são os mesmos numericamente, todas as coisas serão as mesmas (248-249).

## COMENTÁRIO

2173. Tendo levantado uma questão sobre o estudo desta ciência, Aristóteles agora levanta uma questão sobre as coisas que são consideradas nesta ciência. Ele faz isso, primeiro (912:C 2173), com relação às substâncias; e segundo (916:C 2180), com relação aos princípios ("Novamente, se").

Ao tratar da primeira questão, ele levanta duas perguntas. Primeiro, ele pergunta se é ou não necessário postular a existência de algo mais na realidade além das coisas singulares. Ora, se alguém afirma que não, então parece decorrer que a ciência que agora estamos investigando deve se preocupar com as coisas singulares. Mas isso parece impossível, porque as coisas singulares são infinitas em número, e o infinito é incognoscível. E se alguém afirma que é necessário postular a existência de algo além das coisas singulares, estes devem ser gêneros ou espécies; e então esta ciência lidaria com gêneros e espécies. Primeiro, ele explica por que isso é impossível; pois parece que nem gêneros nem espécies são princípios, contudo esta ciência lida com princípios.

2174. A verdade da questão é que na realidade existem apenas coisas singulares, e que qualquer outra coisa existe apenas na consideração do intelecto, que abstrai atributos comuns dos particulares.

2175. E em geral (913).

Então ele expõe a segunda questão: se existe alguma substância que exista separada das substâncias sensíveis que existem aqui e agora. Esta questão deve ser levantada aqui porque, se não há nada além das substâncias sensíveis, apenas as substâncias sensíveis são seres. E uma vez que a sabedoria é a ciência dos seres, a sabedoria deve se preocupar apenas com as substâncias sensíveis, mesmo que pareçamos nesta ciência estar procurando por alguma outra realidade separada. Pertence a esta ciência, então, investigar se existe ou não algo além das substâncias sensíveis. E qualquer alternativa que se tome, outra questão surge.

2176. Além disso, se (914).

Ele coloca, portanto, a questão que parece surgir se alguém afirma que há algo separado das substâncias sensíveis. A questão é se esta coisa separada existe separada de todas as substâncias sensíveis ou apenas de algumas. E se apenas de algumas, é difícil explicar por que devemos postular uma substância separada à parte de algumas substâncias sensíveis e não de outras. Pois não parece haver qualquer razão pela qual deva haver um homem separado e um cavalo separado além dos homens e cavalos que percebemos pelos sentidos, e por que isso também não deveria ser verdade para outros animais e outras coisas não vivas. Mas se existe alguma substância separada além de todas as substâncias sensíveis, segue-se que devemos postular a existência de certas substâncias separadas que são eternas e iguais em número às substâncias sensíveis e corruptíveis. Assim, assim como existe um homem corruptível, de modo semelhante haveria um homem incorruptível, e o mesmo com cavalo e boi, e também com outros corpos naturais. Isso parece ser absurdo.

2177. Mas se o princípio (915).

Então ele levanta outra questão que parece decorrer se não há substância separada das substâncias sensíveis. Essa questão pergunta qual é o primeiro princípio, se a matéria ou a forma; pois as substâncias sensíveis são compostas desses dois princípios. Pois, à primeira vista, parece que nada pode ser mais princípio das coisas do que a matéria, que é o primeiro sujeito e sempre continua a existir, como afirmaram os primeiros filósofos da natureza. No entanto, parece que a matéria não pode ser um princípio, porque não é atualidade, mas potencialidade. Assim, como a atualidade é naturalmente anterior à potencialidade, conforme foi apontado no Livro IX (785:C 1856), o princípio especificante ou forma, que é uma atualidade, parece ser esse princípio.

2178. Mas parece que a forma não pode ser um princípio porque uma forma sensível parece ser corruptível. Se uma forma sensível fosse o primeiro princípio, então pareceria decorrer que não haveria substância eterna, separável e existente por si mesma. Mas isso é claramente absurdo porque algum princípio desse tipo, eterno e separado, e alguma substância desse tipo, são buscados por [quase] todos os filósofos famosos. Isso é razoável, pois não haveria uma ordem perpétua das coisas no mundo se não houvesse um princípio separado e eterno que causa a perpetuidade das coisas.

2179. A verdadeira resposta a esta questão é que existem certas substâncias que são separadas das substâncias sensíveis; e estas não são as Formas das coisas sensíveis, como os platônicos afirmavam, mas os motores primários, como será mostrado adiante (1056:C 2492).

2180. Novamente, se houver (916).

Em seguida, ele levanta a questão sobre os princípios. Primeiro, ele pergunta que tipos de princípios existem; segundo (917:C 2182), o que eles são ("Mas, por outro lado"); e terceiro (918:C:2184), como eles se relacionam entre si ("Novamente, como podem").

Ele pergunta, portanto (916), se, havendo ou não alguma substância e princípio separado como o que agora buscamos, ele é o princípio de todas as coisas, corruptíveis e incorruptíveis. Ora, se existe tal princípio de todas as coisas, surge a questão de por que algumas das coisas que vêm do mesmo princípio são eternas e outras não. Mas se há um princípio para as coisas corruptíveis e

outro para as incorruptíveis, permanece a questão de por que, se o princípio é eterno, as coisas que dele provêm não são elas próprias eternas. Mas se o princípio das coisas é corruptível, e toda coisa corruptível é capaz de ser gerada, e tudo o que é capaz de ser gerado tem um princípio, segue-se que o princípio corruptível terá um princípio, e este terá outro, e assim ao infinito, como foi esclarecido acima no Livro II (153:C 301).

2181. A verdade é que o primeiro princípio de todas as coisas é incorruptível, e que algumas coisas são corruptíveis devido à sua grande distância desse princípio. Estas são as coisas nas quais a geração e a corrupção são causadas por uma causa intermediária que é incorruptível quanto à sua substância, mas mutável quanto ao lugar.

2182. Mas, por outro lado (917).

Então ele pergunta o que são os princípios das coisas. Primeiro, ele examina as opiniões daqueles homens que afirmaram que os princípios são a unidade e o ser porque estes são os mais imutáveis. Pois, não importa como uma coisa varie, ela permanece sempre uma.

2183. Mas a opinião desses homens dá origem a duas questões. A primeira é se a unidade e o ser significam uma coisa particular, i.e., uma substância; pois, se não significam, não podem ser separáveis e existir por si mesmos. Mas estamos procurando tais princípios que são eternos e existem separadamente. No entanto, se eles significam uma coisa particular ou substância, segue-se que todas as coisas são substâncias, e que nada é acidente; pois o ser é predicado de qualquer coisa existente, e a unidade é predicada de algumas. Ora, há algumas coisas que envolvem multiplicidade em seu ser, e as diferentes maneiras pelas quais a unidade é predicada verdadeiramente delas são suficientemente claras. Mas é falso que todas as coisas sejam substâncias; e, portanto, parece que a unidade e o ser não significam substância.

2184. Novamente, como podem (918).

A segunda questão ou problema que ele levanta é o seguinte: aqueles que sustentam que a unidade, ou o uno, é o princípio e a substância das coisas dizem que o número é gerado como um primeiro produto a partir do uno e da matéria. E isso, i.e., o número, eles chamam de substância. Mas evidentemente isso não é verdade, porque, se um número é composto do uno e da matéria, ele deve ser algo uno, assim como o que é composto de um princípio vivo e matéria deve ser algo vivo. Mas de que maneira o número dois ou qualquer outro número, que é composto de unidades, é um, como os platônicos afirmavam? Isso não é fácil de explicar, tanto que se pode dizer que eles negligenciaram explicar isso como se fosse fácil de entender.

2185. Mas se alguém (919).

Em segundo lugar, ele examina outra opinião sobre os princípios das coisas. Pois alguns afirmaram que "as linhas e o que delas deriva", a saber, as superfícies, são princípios, porque sustentavam que os corpos são compostos de superfícies, e as superfícies de linhas. Mas é claro que tais coisas não são substâncias separadas que existem por si mesmas; pois tais coisas são seções e divisões: as linhas sendo seções e divisões das superfícies, as superfícies dos corpos, e os pontos das linhas. Elas são também os limites dessas coisas, i.e., os pontos são os limites das linhas, e assim por diante; pois um ponto, que está na extremidade de uma linha, é o limite de uma linha. Ora, o que é

significado como realmente dentro de uma linha é uma seção da linha. O mesmo é verdade para uma linha em relação a uma superfície, e para uma superfície em relação a um corpo; pois é evidente que limites e seções são entidades que existem em outras coisas como seus sujeitos. Logo, não podem existir separadamente. Linhas e superfícies, então, não são princípios das coisas.

2186. Novamente, como estamos (920).

Em seguida, ele introduz outro argumento. Diz que não se pode compreender que a unidade e o ponto tenham substância, porque a substância começa a existir apenas por meio da geração. Mas quando uma linha é efetivamente dividida, a própria divisão é um ponto.

2187. A resposta correta a essas questões é que nem as unidades, nem as linhas, nem as superfícies são princípios.

2188. Há também o problema (921).

Após a questão sobre unidade e ser e dimensões, ele agora levanta a questão sobre as substâncias. Primeiro, pergunta se as substâncias são princípios. A resposta parece ser que não; pois toda ciência trata dos universais e de "tal e tal universal", ou seja, algum sujeito universal definido. Ora, uma substância não está incluída entre os universais, mas é antes uma coisa particular que existe por si mesma. Portanto, parece que não há ciência das substâncias. Mas uma ciência trata dos princípios. Logo, as substâncias não são princípios.

2189. A verdade é que, embora os universais não existam por si mesmos, ainda é necessário considerar universalmente as naturezas das coisas que subsistem por si mesmas. Consequentemente, os gêneros e as espécies, que são chamados de segundas substâncias, são colocados na categoria de substância; e destes há conhecimento científico. E certas coisas que existem por si mesmas são princípios; e estas, por serem imateriais, pertencem ao conhecimento inteligível, ainda que ultrapassem a compreensão do nosso intelecto.

2190. Novamente, a questão (922).

Em segundo lugar, ele pergunta se existe ou não algum "princípio à parte do todo concreto", ou seja, do todo natural ou composto. Ele explica que por todo concreto ele entende matéria, ou a coisa composta de matéria. Pois, se não há princípio à parte do composto de matéria e forma, e aqueles princípios que são ditos estar na matéria são corruptíveis, segue-se que nada é eterno. E se existe algum princípio à parte do composto, ele deve ser o princípio especificador ou forma. Então surge a questão em quais casos a forma é separada e em quais não é. Pois é óbvio que em alguns casos a forma não é separada; a forma de uma casa, por exemplo, não é separada da matéria. Foi por essa razão que os platônicos não postularam Ideias ou Formas das coisas artificiais, porque as formas de tais coisas são atualidades que não podem existir por si mesmas.

2191. A resposta correta a essa questão é que existe algum princípio à parte da matéria, e este não é a forma das coisas sensíveis.

2192. Novamente, há (923).

Ele agora pergunta como os princípios de todas as coisas se relacionam entre si: se eles são os mesmos numericamente ou apenas especificamente. Pois, se eles são os mesmos numericamente, segue-se que todas as coisas são as mesmas numericamente. Mas se eles não são os mesmos numericamente, essa diferença terá que ser explicada.

2193. A verdade é que, se se fala dos princípios extrínsecos das coisas, eles são os mesmos numericamente, pois o primeiro princípio de todas as coisas é uma causa agente e final. Mas os princípios intrínsecos das coisas – matéria e forma – não são os mesmos numericamente, mas apenas analogicamente, como será mostrado adiante (1049-54:C 2474-87).

---

Revision #2

Created 19 September 2026 00:22:50 by Admin

Updated 19 September 2026 00:31:59 by Admin